

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: JOAQUIM BONIFÁCIO DO AMARAL NA HISTORIOGRAFIA CAMPINEIRA.

Thatiane Carneiro Sotano Machado¹
Dra. Mônica Piccione Gomes Rios²

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa documental dedicada a reconstruir a genealogia de Joaquim Bonifácio do Amaral, o Visconde de Indaiatuba, e de sua esposa Ana Guilhermina Pompeu do Amaral, com o propósito de identificar seus descendentes diretos e compreender melhor sua trajetória familiar. A investigação utilizou registros de batismo preservados no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas e o Inventário de Joaquim Bonifácio do Amaral, consultado no Centro de Memória da Unicamp, além de pesquisas em jornais antigos e obras sobre a história campineira. Os resultados confirmaram a existência de treze filhos do casal, número superior ao registrado em fontes amplamente divulgadas. Ao destacar o valor dos documentos e arquivos históricos para o resgate de memórias familiares, o estudo contribui para o fortalecimento da memória local e reafirma a educação patrimonial como caminho para a valorização do pertencimento e da identidade cultural de Campinas.

Abstract: This article presents the results of a documentary research project dedicated to reconstructing the genealogy of Joaquim Bonifácio do Amaral, the Viscount of Indaiatuba, and his wife, Ana Guilhermina Pompeu do Amaral, to identify their direct descendants and gain a better understanding of their family trajectory. The investigation used baptismal records preserved in the Historical Archive of the Metropolitan Curia of Campinas and the Inventory of Joaquim Bonifácio do Amaral, consulted at the Memory Centre of Unicamp, in addition to research in old newspapers and works on the history of Campinas. The results confirmed the existence of thirteen children of the couple, a number higher than that recorded in widely disseminated sources. By highlighting the value of documents and historical archives in the recovery of family memories, the study contributes to the strengthening of local memory. It reaffirms heritage education as a path to valuing the sense of belonging and cultural identity of Campinas.

¹ Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas com bolsa FAPESP. Possui especialização em Educação Patrimonial e História do Brasil, licenciatura em História e bacharelado em Direito, ambas pela Universidade Paulista.

² Doutora em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Atualmente é professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação e do Curso de Pedagogia.

Introdução

Inspirado na reflexão de Jörn Rüsen (2001), segundo a qual a história assume o papel central na orientação temporal da vida humana, este artigo propõe uma reflexão sobre como a presença ou a ausência de memórias influencia a construção das identidades locais. Rüsen destaca que é por meio da apropriação crítica do passado que indivíduos e comunidades conferem sentido ao presente e delineiam possibilidades para o futuro. Nessa perspectiva, a trajetória de Joaquim Bonifácio do Amaral (1815³–1884⁴), o Visconde de Indaiatuba⁵, ultrapassa o simples registro de um personagem histórico, tornando-se parte viva da memória campineira e símbolo de pertencimento coletivo.

Resgatar sua história significa valorizar um patrimônio que é tanto histórico quanto afetivo. A recuperação da memória desse personagem insere-se, assim, em um exercício de patrimonialização que não se limita à coleta de dados genealógicos, mas também envolve os campos da cultura, da identidade e da resistência ao esquecimento. A pesquisa teve início em um estudo anterior sobre a Fazenda Sete Quedas, em Campinas (SP), onde o nome do Visconde de Indaiatuba surgiu de forma recorrente e despertou o interesse por um levantamento mais detalhado sobre sua vida e descendência.

Embora Joaquim Bonifácio do Amaral ocupe posição de destaque na história paulista, as informações disponíveis em fontes públicas, como a Wikipédia e sites de genealogia, mostram-se incompletas ou incorretas. Essa constatação reforçou a necessidade de um olhar mais cuidadoso sobre sua trajetória, reunindo dados dispersos em diferentes arquivos e obras regionais. Além de preencher uma lacuna na historiografia campineira, o estudo dialoga com pesquisas que tratam da relação entre memória, pertencimento e educação. Inserido em um percurso acadêmico voltado à educação patrimonial e à cultura de paz, o resgate da trajetória do Visconde ganha novos sentidos. Valorizar histórias locais e figuras esquecidas é também uma forma de educar para o reconhecimento da própria história, fortalecendo vínculos entre passado e presente. Assim, entende-se que a educação patrimonial ultrapassa a preservação de prédios e

³ Livro de Batismos, vol. 3, p. 39, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Campinas. Registro de batismo de 02 de setembro de 1815, com 8 dias. Pais: Tenente José Rodrigues Ferraz e Anna Matilde Pacheco Almeida.

⁴ Livro de Óbito, Paróquia de N.S. da Conceição, vol. 8, 1881-1889, p. 330.

⁵ VASCONCELLOS, Barão de; VASCONCELLOS, Barão Smith de. *Archivo Nobiliarchico Brasileiro*. Lausanne (Suíça): Imprimerie La Concorde, 1918. p. 188.

objetos: ela desperta o sentimento de pertencimento e o respeito pela memória coletiva.

O interesse genealógico, inicialmente secundário, ganhou destaque quando, ao consultar a Hemeroteca Digital Brasileira⁶, surgiram referências esparsas aos descendentes do Visconde e de sua esposa, Ana Guilhermina Pompeu do Amaral (04 de novembro de 1824⁷), com quem se casou em 24 de junho de 1839⁸, em Campinas. A especificidade desse casamento, entre tio e sobrinha, prática socialmente aceita na época e comum entre famílias da elite agrária paulista⁹, também despertou questionamentos sobre as dinâmicas familiares e sociais desse grupo.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa articula procedimentos de revisão de literatura com a análise documental de fontes primárias, como registros paroquiais e fontes hemerográficas. A abordagem é qualitativa e busca reconstituir a história familiar com base em evidências concretas, estabelecendo conexões entre genealogia, memória e educação patrimonial. Mais do que listar descendentes, a pesquisa procura compreender como a história das famílias locais ajuda a revelar identidades e permanências culturais no território de Campinas.

Com este trabalho, pretende-se contribuir tanto para os estudos genealógicos quanto para a valorização da memória local, entendendo que reconhecer o passado é também preservar o sentido de pertencimento que une gerações. O artigo inaugura, assim, uma linha de investigação voltada à genealogia e à memória social de Campinas, abrindo caminho para novas pesquisas sobre famílias e patrimônios históricos da cidade.

⁶ Gazeta De Campinas. Gazeta de Campinas. Campinas, 21 jul. 1870, p. 2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 out. 2025.

⁷ Livro de Batismos, n. 4, p. 99, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Campinas. Registro de nascimento de 25 de outubro de 1824 e batismo em 04 de novembro de 1824. Pais: Antônio Pompeu de Camargo e Dona Thereza Miquelina do Amaral. Padrinhos: Dona Anna Matilde de Almeida Pacheco (avó).

⁸ Livro de Casamentos, p. 188, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Campinas.

⁹ Para algumas famílias da elite mineira, a prática de casamentos consanguíneos era tão recorrente que, no século XIX, os índices de consanguinidade atingiram cerca de 80% dos casamentos em determinadas gerações, CHAGAS (2020, p. 120).

Historiografia

Contar a trajetória de Joaquim Bonifácio do Amaral é também revisitar a própria forma como narramos o passado. Toda história é feita de escolhas: o que lembramos, o que deixamos de lado, o que o tempo transforma em silêncio. Olhar para o passado, portanto, é aceitar que há muitas vozes e sentidos em disputa. Como observa Freitas (1997), a escrita da história no Brasil, especialmente quando se trata da educação, nasceu de um esforço de compreender o país em meio a seus contrastes, entre o urbano e o rural, o moderno e o antigo, o nacional e o regional.

Em Campinas, essa mesma forma de olhar para o passado também se faz presente. Ainda são poucos os estudos que se debruçam com profundidade sobre figuras como Joaquim Bonifácio do Amaral, cuja presença política, social e econômica marcou o ritmo do desenvolvimento regional no século XIX. As palavras de Freitas (1997, p. 41) ajudam a compreender esse cenário ao lembrar que “o Brasil real estaria oculto num Estado que não era uma nacionalidade, num país que não era uma sociedade, numa gente que não era um povo.” Essa reflexão convida a retomar as fontes e a questionar as versões oficiais da história, abrindo espaço para novas vozes e sentidos que permanecem à espera de serem narrados.

Ao trazer de volta à memória a figura de Joaquim Bonifácio do Amaral e o espaço que habitou, a Fazenda Sete Quedas, lugar que hoje também abriga parte de minha trajetória pessoal e profissional, este estudo se propõe a revisitar a história com novos olhos, ampliando as vozes que contam o patrimônio e a identidade local. Pensar o patrimônio cultural, como lembra Chuva (2020), é reconhecer que ele nasce de escolhas permeadas por disputas políticas e simbólicas: o que preservar, o que valorizar e o que o tempo ou o poder decide silenciar. A autora recorda que esse campo se constitui como “um espaço de tensões, debates e ações, nem sempre lineares ou bem-sucedidas, sobre as identidades, os direitos culturais e urbanos” (CHUVA, 2020, p. 3). Compreender essa dinâmica é essencial para questionar quais narrativas ganham visibilidade e quais permanecem à margem, reflexão que se aplica diretamente à história da família de Joaquim Bonifácio do Amaral.

A investigação empreendida nesta pesquisa, ao dedicar-se ao levantamento e à sistematização dos descendentes de Joaquim Bonifácio do Amaral, busca contribuir para o enriquecimento das fontes disponíveis sobre a história social de Campinas, revelando um conjunto de dados até então pouco explorado pela historiografia local. A relação entre memória, patrimônio e pertencimento constitui o eixo central da educação patrimonial, pois, como afirma Horta (1999, p. 33), “o reconhecimento e a valorização dos bens culturais só são

efetivos quando promovem o sentimento de pertencimento e identidade junto às comunidades envolvidas.” Assim, ao reunir e disponibilizar informações sobre essa família, este trabalho não apenas preenche lacunas documentais, mas também desperta reflexões sobre os vínculos históricos que conectam gerações, lugares e afetos.

Como observa Freitas (1997), a escrita da história no Brasil é atravessada por “paradigmas interpretativos que, ao longo do século XX, buscaram dar sentido à identidade nacional a partir da leitura de suas regiões, de seus sujeitos e de seus conflitos” (FREITAS, 1997, p. 41). Nessa perspectiva, ao revisitar a trajetória dessa família campineira, esta pesquisa busca fortalecer o sentimento de pertencimento e inspirar novas narrativas sobre a cidade e seus habitantes. Trata-se de ampliar o repertório de interpretações sobre o patrimônio cultural local, reconhecendo que a memória e a identidade se constroem de modo coletivo e contínuo, sempre em diálogo com o território.

Joaquim Bonifácio do Amaral – Visconde de Indaiatuba

Os estudos dedicados à trajetória de Joaquim Bonifácio do Amaral, o Visconde de Indaiatuba, ainda são incipientes na historiografia campineira. As consultas realizadas no âmbito desta pesquisa revelam que as referências ao personagem permanecem restritas a breves menções, dispersas em obras de historiadores locais como Celso Maria de Mello Pupo, Jolumá Brito e José Roberto do Amaral Lapa. Esses autores, embora fundamentais para a compreensão da formação histórica de Campinas, abordam Joaquim Bonifácio apenas de modo pontual, sem um estudo específico, aprofundado e sistematizado sobre sua biografia ou sobre o papel político, econômico e social que desempenhou no desenvolvimento regional ao longo do século XIX.

Diante dessa constatação, este artigo se apresenta como um dos primeiros esforços acadêmicos voltados exclusivamente à abordagem historiográfica de Joaquim Bonifácio do Amaral. Mais do que reivindicar ineditismo, a proposta é reunir, organizar e analisar as fontes disponíveis, de modo a resgatar aspectos de sua trajetória individual e destacar sua relevância histórica no contexto campineiro. Ao fazê-lo, o estudo pretende abrir espaço para novas investigações que aprofundem outras dimensões de sua vida pública e privada, bem como sua inserção nos processos históricos mais amplos da região.

A análise dos mecanismos de construção da memória coletiva em Campinas revela que trajetórias como a de Joaquim Bonifácio do Amaral e da

Fazenda Sete Quedas ainda ocupam um espaço periférico nas narrativas oficiais e nas políticas locais de preservação. Essa ausência reforça o que Chuva (2020) denomina de caráter político do patrimônio, resultado de disputas simbólicas que determinam o que é lembrado e o que é silenciado. Reconhecer essas lacunas é também um modo de compreender que a memória social se constrói por escolhas e que revisita-las é um gesto de justiça histórica.

Como observam Nascimento e Chuva (2020, p. 3), “as disputas por memórias e narrativas acerca da identidade nacional colocaram o passado e a preexistência física das cidades no campo de disputas que pressionaram por ações para além daquelas impostas pela chamada ‘ortodoxia do patrimônio’”. Essa perspectiva amplia a reflexão sobre os critérios que determinam quais memórias são preservadas e quais permanecem silenciadas, evidenciando como as práticas de educação patrimonial podem contribuir para tensionar e transformar tais escolhas.

Ao recuperar e sistematizar dados sobre a trajetória do Visconde de Indaiatuba, este artigo não apenas contribui para suprir uma lacuna nos estudos regionais, mas também propõe a ampliação das narrativas sobre o passado campineiro. O objetivo é fomentar novas agendas de pesquisa que aprofundem a compreensão do legado de Joaquim Bonifácio do Amaral, situando-o no processo de formação histórica, política e cultural de Campinas.

Educação Patrimonial, Memória e Pertencimento

A construção historiográfica acerca do patrimônio cultural, segundo Chuva (2020), não pode ser dissociada das disputas políticas e simbólicas que permeiam as escolhas sobre o que preservar, valorizar ou silenciar. A autora salienta que o campo do patrimônio se configura como “um espaço de tensões, debates e ações, nem sempre lineares ou bem-sucedidas, sobre as identidades, os direitos culturais e urbanos” (Chuva, 2020, p. 17). Essa perspectiva reforça a necessidade de problematizar os processos seletivos que definem quais narrativas históricas ganham visibilidade, questão que se conecta diretamente à pesquisa aqui desenvolvida, voltada à identificação e sistematização da genealogia dos descendentes de Joaquim Bonifácio do Amaral.

A partir da análise de fontes primárias, especialmente os registros localizados no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas, este estudo evidencia uma lacuna significativa na produção historiográfica campineira no tocante à história dessa família. Tal ausência aponta para um processo de

silenciamento ou de invisibilização que, ao longo do tempo, limitou o reconhecimento de personagens e linhagens que exerceram papel relevante na formação da cidade.

No campo da educação patrimonial, a relação entre memória, patrimônio e pertencimento emerge como um eixo estruturante. Conforme destaca Horta (1999, p. 33), "o reconhecimento e a valorização dos bens culturais só são efetivos quando promovem o sentimento de pertencimento e identidade junto às comunidades envolvidas". Esse entendimento amplia o alcance da educação patrimonial para além de uma prática informativa ou meramente preservacionista, propondo uma ação crítica e socialmente engajada, capaz de tensionar as narrativas oficiais e de estimular novas formas de apropriação da história local por diferentes grupos sociais.

Em consonância com essa perspectiva, Freitas (1997) observa que a produção historiográfica brasileira tem sido atravessada por distintos paradigmas interpretativos que, ao longo do século XX, buscaram atribuir sentido à identidade nacional por meio da leitura das especificidades regionais, dos sujeitos sociais e dos conflitos históricos. Ao trazer à tona os nomes e as histórias dos descendentes de Joaquim Bonifácio do Amaral, a presente pesquisa propõe-se a contribuir para o alargamento dos debates historiográficos locais, reforçando o direito à memória como uma dimensão fundamental na construção da identidade campineira e no fortalecimento do sentimento de pertencimento.

Caminhos de Pesquisa: Entre Arquivos

A construção deste levantamento genealógico teve como base principal a análise de documentos originais preservados no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas, com destaque para os livros de batismo do século XIX. A leitura atenta desses registros permitiu identificar nomes, datas de nascimento e laços familiares dos descendentes de Joaquim Bonifácio do Amaral, além de corrigir informações imprecisas encontradas em plataformas digitais de acesso público, como a Wikipédia¹⁰.

¹⁰ "Joaquim Bonifácio do Amaral." Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Bonif%C3%A1cio_do_Amaral. Acesso em: 12 out. 2025.

Entre as fontes consultadas, também se destaca o processo de inventário de Joaquim Bonifácio do Amaral (Processo nº 5225), pertencente ao acervo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Comarca de Campinas, atualmente sob guarda do Centro de Memória da Unicamp. Esse documento, reproduzido na foto nº 1, oferece um olhar mais próximo sobre o contexto familiar e o patrimônio do Visconde de Indaiatuba, enriquecendo a compreensão sobre sua história e o legado deixado à cidade.

Capa do Inventário de Joaquim Bonifácio do Amaral (1884), Visconde de Indaiatuba.

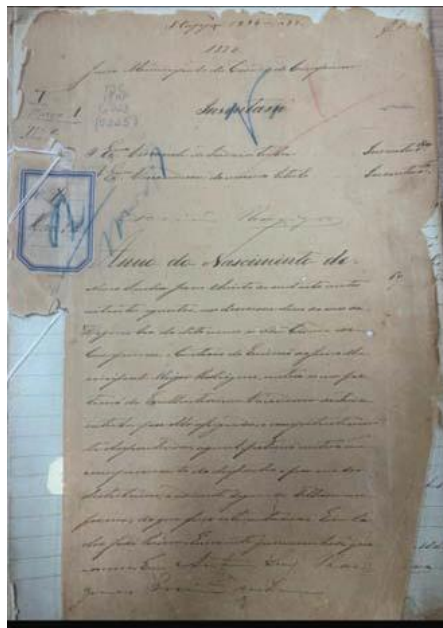


Foto 1 – Foto Thatiane C. S. Machado. Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Comarca de Campinas, Processo nº 5225. Acervo do Centro de Memória da Unicamp.

Esta pesquisa nasceu do desejo de compreender, a partir das próprias fontes do século XIX, quem foram Joaquim Bonifácio do Amaral e seus descendentes. Para isso, foi necessário voltar aos lugares onde a memória ainda se guarda em papel: arquivos, cartórios e jornais antigos.

O primeiro passo foi um mergulho em livros, artigos e registros públicos disponíveis, o que permitiu identificar lacunas e contradições nas informações já divulgadas sobre a família, inclusive em plataformas digitais como a Wikipédia. Em seguida, a investigação se concentrou nas fontes primárias, com destaque para o processo de inventário do Visconde de Indaiatuba (Processo nº 5225), preservado no acervo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e sob guarda do Centro de Memória da Unicamp.

As visitas ao Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas possibilitaram o contato direto com os livros originais de batismo e casamento, datados entre 1819 e 1858: entre eles o Livro de Casamentos nº 4 (1826–1841) e os Livros de Batismos nº 4 (1819–1830), nº 5 (1830–1839), nº 6 (1839–1850) e nº 7 (1850–1858). Cada registro foi transcrito com atenção aos detalhes: nomes, datas, filiação e até pequenas notas deixadas à margem. A leitura paleográfica, cuidadosa diante das grafias e abreviações do período, foi essencial para garantir a fidelidade das informações.

Também foram consultadas edições da Gazeta de Campinas (1860–1879) e do Correio de Campinas (1880–1899), disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira. Esses jornais ajudaram a reconstruir aspectos do cotidiano e das relações sociais do Visconde e de sua família, oferecendo uma visão mais viva do contexto campineiro oitocentista.

Mais do que uma busca por nomes e datas, o trabalho revelou uma rede de vínculos familiares e afetivos que atravessa o tempo e compõe parte da história da cidade. Ao valorizar o patrimônio documental como fonte de aprendizado e pertencimento, esta pesquisa aproxima-se dos princípios da educação patrimonial, mostrando que a preservação da memória é também um gesto de reconhecimento do que somos e de onde viemos.

Desse modo, a metodologia adotada, que combina revisão bibliográfica, análise documental e leitura crítica das fontes, contribui para renovar o olhar sobre o passado regional e fortalecer o diálogo entre história, genealogia e memória social.

Ao final desse percurso, mais do que reunir documentos, a pesquisa permitiu reencontrar histórias. Cada nome, cada data e cada assinatura revelaram fragmentos de vidas que ajudaram a moldar Campinas no século XIX. A genealogia do Visconde de Indaiatuba, quando vista sob essa perspectiva, deixa de ser apenas uma sequência de descendentes e se transforma em um espelho da própria formação social da cidade. O resultado desse trabalho não se resume, portanto, a um levantamento de registros, mas a uma tentativa de devolver voz e

presença àqueles que, silenciosamente, participaram da construção de nossa memória coletiva.

Genealogia e Patrimônio: Mapeando os Descendentes do Visconde de Indaiatuba

A consulta aos livros de batismo do século XIX, preservados no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas, permitiu identificar treze filhos legítimos do casal Joaquim Bonifácio do Amaral e Ana Guilhermina Pompeu do Amaral, nascidos entre 1841 e 1859. O estudo dessas fontes originais revelou um quadro familiar muito mais amplo do que o conhecido até então, preenchendo lacunas da história local e oferecendo um retrato mais completo da vida do Visconde de Indaiatuba e de seus descendentes.

Registro original de batismo

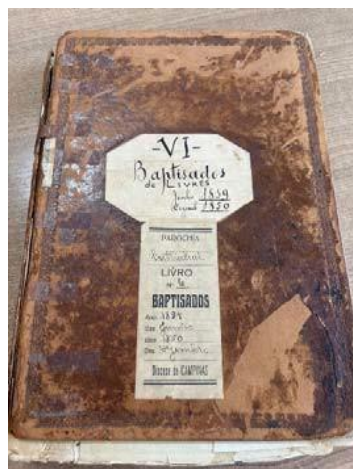


Foto 2 – Foto Thatiane C. S. Machado. Fonte: Livro VI de Batismos (junho de 1839 a dezembro de 1850), Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas. Registro consultado em 21 de maio de 2025.

As informações disponíveis em plataformas digitais de acesso público mostravam-se bastante limitadas. A Wikipédia, por exemplo, indicava que Joaquim Bonifácio do Amaral teria se casado com sua sobrinha Ana Guilhermina Pompeu do Amaral, com quem teria apenas uma filha, Elisma do Amaral. A análise dos registros originais, porém, revela um cenário muito mais amplo: o casal teve treze filhos, todos devidamente documentados nos livros de batismo da Cúria Metropolitana de Campinas. Essa constatação evidencia a importância de confrontar os dados disponíveis na internet com as fontes históricas originais, garantindo maior precisão às narrativas sobre o passado.

Durante a análise, também foram encontradas inconsistências em bases digitais como o Family Search¹¹, que apontava catorze filhos, incluindo duas crianças nascidas em 1845, “Ottília” e “Vilia”. A leitura paleográfica dos registros revelou, porém, que se tratava da mesma filha, Utília, batizada em 8 de setembro de 1845. O equívoco decorre da dificuldade de interpretação da caligrafia oitocentista, um exemplo claro dos desafios que envolvem a transcrição e indexação de documentos antigos em plataformas digitais.

Registro original de batismo de Utília do Amaral

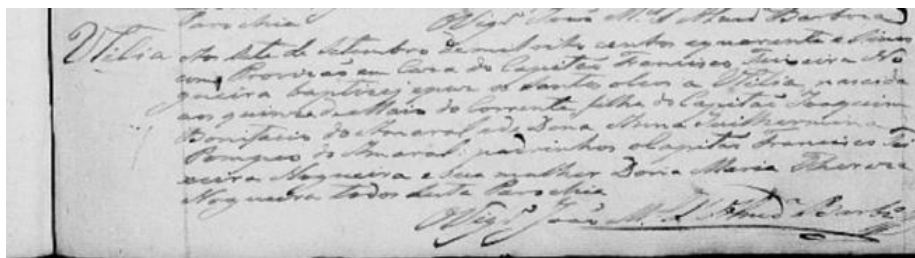


Foto 3: Foto Thatiane C. S. Machado. Fonte: Livro VI de Batismos (junho de 1839 a dezembro de 1850), Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas. – Pág. 105. (21 de maio de 2025).

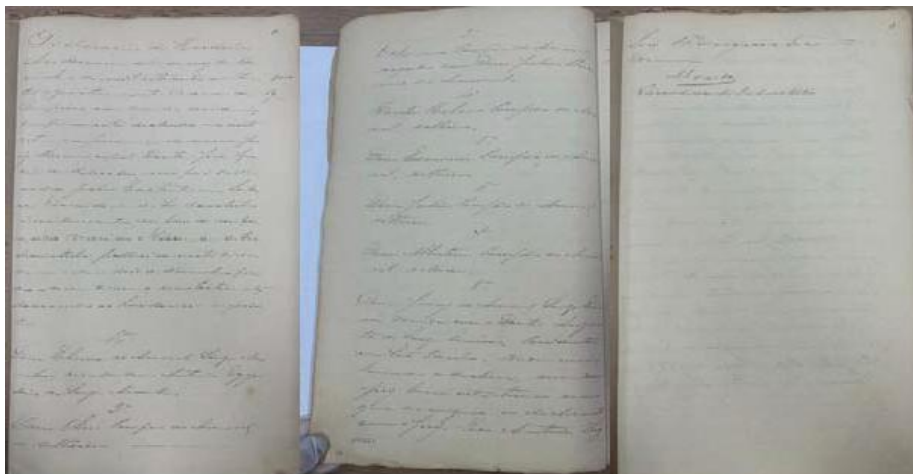
Além de esclarecer essa duplicidade, os registros paroquiais trouxeram informações valiosas, como datas de nascimento e batismo, nomes de padrinhos e

¹¹ Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/tree/pedigree/portrait/9NVQ-RH9>. Acesso em: 12 out. 2025.

anotações posteriores sobre casamentos. Esses detalhes permitiram compreender não apenas a genealogia da família, mas também as redes de convivência e os vínculos sociais que marcavam a elite campineira do século XIX.

O estudo do Inventário de Joaquim Bonifácio do Amaral (pp. 4 a 6) revelou que, à época de sua morte, oito dos treze filhos permaneciam vivos. Na declaração de herdeiros, constam: 1.^a Elisma do Amaral, casada com Antônio Egídio de Souza Aranha; 2.^a Olívia Pompeu do Amaral, solteira; 3.^o Octaviano Pompeu do Amaral, casado com Dona Júlia Bueno do Amaral; 4.^o Urbano Pompeu do Amaral, solteiro; 5.^a Ismênia Pompeu do Amaral, solteira; 6.^a Júlia Pompeu do Amaral, solteira; 7.^a Albertina Pompeu do Amaral, solteira; e 8.^a Jessy do Amaral, casada com o doutor Augusto de Souza Queiroz. As páginas do inventário que registram essa declaração encontram-se reproduzidas a seguir, como fonte primária que confirma a composição familiar do Visconde de Indaiatuba e serve de base para o levantamento genealógico apresentado neste estudo:

Declaração de Herdeiros no Inventário de Joaquim Bonifácio do Amaral, Visconde de Indaiatuba



Fotos: 4, 5 e 6: Fonte: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Comarca de Campinas, Processo nº 5225, Ação de Inventário. Acervo do Centro de Memória da Unicamp. Fotos de Thatiane Carneiro Sotano Machado (14 de setembro de 2025).

Nem todos os documentos que comprovam as datas de falecimento dos demais filhos foram localizados até o momento. Entre os registros identificados, destacam-se a certidão de óbito de Carolina, falecida em 30 de dezembro de 1844, e a nota de falecimento de Uília Amaral, publicada na Gazeta de Campinas em 21 de julho de 1870. Quanto a Alberto, Fausto e Gustavo, ainda não foram encontrados registros que indiquem suas datas de falecimento, embora a busca continue em andamento, com o objetivo de completar o quadro genealógico da família.

Essas informações, cruzadas com os registros paroquiais, permitem compreender que a família de Joaquim Bonifácio do Amaral, o Visconde de Indaiatuba, ocupava posição de destaque na sociedade campineira do século XIX, mas também evidenciam as lacunas e os silêncios que ainda marcam a reconstrução de muitas trajetórias familiares desse período.

A partir desse conjunto de evidências, torna-se possível compreender melhor as dinâmicas familiares e sociais da época, reconhecendo o valor da pesquisa histórica como forma de preservar a memória e fortalecer o sentimento de pertencimento ao território. O levantamento a seguir apresenta, em ordem cronológica, os filhos do casal Joaquim Bonifácio do Amaral e Ana Guilhermina Pompeu do Amaral.

Todos os registros de batismo aqui citados pertencem ao Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas, consultados presencialmente entre março e maio de 2025.

Quadro 1 – Registros de batismo dos filhos de Joaquim Bonifácio do Amaral e Ana Guilhermina Pompeu do Amaral (1841–1855)

Nome	Data de Nascimento
Elisma do Amaral ¹²	04 de maio de 1841
Carolina do Amaral ¹³	28 de outubro de 1842

¹² Livro de Baptisados nº 6, p. 38. Batismo de Elisma do Amaral, realizado em 4 de maio de 1841, com 37 dias de idade. Madrinha: Dona Thereza Miquelina do Amaral. Batizada no Engenho do Finado Pompeu.

¹³ Livro de Baptisados nº. 6, pág. 69. Batismo de Carolina do Amaral, realizado em 14 jul.

Alberto do Amaral ¹⁴	20 de janeiro de 1844
Utilia do Amaral ¹⁵	07 de setembro de 1845
Olívia do Amaral ¹⁶	07 de junho de 1846
Octavio do Amaral ¹⁷	19 de março de 1849
Urbano do Amaral ¹⁸	29 de setembro de 1850
Ismenia do Amaral ¹⁹	04 de janeiro de 1852
Júlia do Amaral ²⁰	08 de agosto de 1852
Fausto do Amaral ²¹	11 de junho de 1854

1842. Nascida em 28 out. 1842. Padrinhos: Dr. Carlos Engles e Dona Carolina Engles. Batizada no Engenho do Finado Pompeo.

¹⁴ Livro de Baptisados nº. 6, pág. 79. Batismo de Alberto do Amaral, realizado em 20 jan. 1844, com 15 dias de idade. Padrinhos: Tenente Antônio Rodrigues e Dona Anna Thereza de Camargo. Cerimônia realizada na casa de Dona Thereza Miquelina do Amaral.

¹⁵ Livro de Baptisados nº. 6, pág. 105. Batismo de Utilia do Amaral, realizado em 7 set. 1845. Nascida em 15 de maio de 1845. Padrinhos: Capitão Francisco Teixeira Nogueira e Dona Maria Thereza Nogueira. Cerimônia realizada na casa de Francisco Teixeira Nogueira.

¹⁶ Ressalva no Livro de Baptisados nº 7, pág. 198. Batismo de Olívia do Amaral, realizado em 20 jun. 1846, na Matriz de Campinas. Nascida em 12 jun. 1846. Padrinhos: Carlos Augusto do Amaral e Dona Anna Cândida Pacheco e Silva.

¹⁷ Livro de Baptisados nº. 6, pág. 167. Batismo de Octaviano do Amaral, realizado em 3 mar. 1849, com 2 meses de idade. Padrinhos: Antônio Pompeo do Amaral e Dona Thereza Miquelina do Amaral. Cerimônia realizada na Matriz de Campinas.

¹⁸ Livro de Baptisados nº. 6, pág. 198. Batismo de Urbano do Amaral, realizado em 29 set. 1850, com 2 meses de idade, na Matriz de Campinas. Padrinhos: Francisco Emílio do Amaral Pompeo e Dona Maria Delfina de Campos.

¹⁹ Livro de Baptisados nº 7, pág. 20. Batismo de Ismênia do Amaral, realizado em 4 jan. 1852, na Matriz de Campinas. Nascida em 6 jul. 1852. Padrinhos: Antônio Augusto da Fonseca e Dona Anna Cândida da Fonseca.

²⁰ Livro de Baptisados nº 7, pág. 30. Batismo de Júlia do Amaral, realizado em 8 ago. 1852, com 20 dias de idade, na Matriz de Campinas. Padrinhos: Antônio Carlos Pacheco e Silva e Dona Antônia Amália Pacheco.

²¹ Livro de Baptisados nº 7, pág. 64. Batismo de Fausto do Amaral, realizado em 11 jun. 1854, com 37 dias de idade, na Matriz de Campinas. Padrinhos: Manoel Antônio Bittar e Dona Anna Laura do Amaral.

Gustavo do Amaral ²²	03 de setembro de 1855
Albertina do Amaral ²³	14 de abril de 1857
Gessia do Amaral ²⁴	19 de janeiro de 1859

Fonte: Autoras

A construção dessa linha do tempo, além de facilitar a visualização da sucessão cronológica dos nascimentos, integra-se aos objetivos da educação patrimonial ao transformar o dado genealógico em um recurso visual e didático. Essa representação favorece o desenvolvimento de novos olhares sobre o processo de constituição familiar na Campinas do século XIX.

Considera-se, ainda, que o material produzido poderá futuramente servir como subsídio para projetos educativos em escolas, museus e outras iniciativas culturais voltadas à história local e à formação da identidade campineira. A recuperação dessa memória, fundamentada em fontes primárias e metodologicamente validada, reforça o compromisso com uma abordagem que valoriza o patrimônio documental como parte essencial da construção das narrativas sobre o passado regional.

Conclusão: O Primeiro Capítulo de uma História Ainda em Construção

O presente estudo buscou ampliar o conhecimento genealógico sobre Joaquim Bonifácio do Amaral e sua esposa Ana Guilhermina Pompeu do Amaral, destacando a relevância das fontes primárias, especialmente os registros de batismo da Cúria Metropolitana de Campinas, na reconstrução de fragmentos da

²² Livro de Baptisados nº 7, pág. 92. Batismo de Gustavo do Amaral, realizado em 3 set. 1855, com 22 dias de idade, na Matriz de Campinas. Padrinhos: Joaquim Egídio de Souza Aranha (*Marquês de Três Rios*) e Dona Ana Francisca da Silva Pontes.

²³ Livro de Baptismo nº 7, pág. 144. Batismo de Albertina do Amaral, realizado em 14 abr. 1857, com 12 dias de idade, na Matriz de Campinas. Padrinhos: Francisco Emílio do Amaral Pompeu e Dona Gertrudes Egídio do Amaral Pompeu.

²⁴ Ressalva no Livro de Baptisados nº 7, pág. 198. Batismo de Gessia do Amaral, realizado em 19 jan. 1859, na Matriz de Campinas. Nascida em 19 jan. 1859. Padrinhos: Antônio Egídio de Souza Aranha e Dona Elisma do Amaral, irmã da batizada.

história local. A identificação de treze filhos legítimos, até então pouco ou nada referenciados em fontes públicas, revela a riqueza documental dos acervos campineiros e reforça a importância de sua preservação enquanto patrimônio histórico e cultural.

Ao articular os conceitos de educação patrimonial, memória e pertencimento, a pesquisa demonstra que a genealogia vai além da simples reconstituição de linhagens familiares: ela é um instrumento formativo e identitário, capaz de despertar o reconhecimento de vínculos históricos e afetivos muitas vezes esquecidos. O resgate da história dos descendentes do Visconde de Indaiatuba contribui para compreender melhor as dinâmicas sociais, culturais e políticas que marcaram Campinas no século XIX, oferecendo subsídios valiosos tanto para a produção de conhecimento histórico quanto para práticas educativas e ações de valorização da memória local.

Mais do que preencher uma lacuna na historiografia regional, este trabalho reafirma a necessidade de olhar para o passado com atenção renovada, permitindo que personagens e trajetórias até então silenciados reencontrem seu lugar na narrativa da cidade. A genealogia, nesse sentido, se converte em uma forma de educação patrimonial ativa, na qual o ato de pesquisar se torna também um gesto de pertencimento e de cuidado com a memória coletiva.

Ao trazer à luz a descendência de Joaquim Bonifácio do Amaral e as redes familiares que dele se originaram, o estudo contribui para fortalecer o diálogo entre genealogia, história e patrimônio, abrindo novas possibilidades de reflexão sobre a formação da sociedade campineira. Preservar e difundir essas memórias significa reconhecer que o passado não é estático, mas um patrimônio vivo, que continua a inspirar identidades e a construir sentidos de comunidade no presente.

Referências Bibliográficas

CHAGAS, Gabriel Afonso Vieira. Estratégia de família: entre a interdição religiosa e a científica à prática da endogamia nas Minas Gerais em fins do século XIX. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão (SE), v. 6, n. 17, p. 115-128, 2020, p. 120.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Democracia, patrimônio e direitos: a década de 1980 em perspectiva. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura**

Material, São Paulo, v. 28, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d2e48intro>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FERREIRA JÚNIOR, Amarildo; GUIMARÃES, Larissa Maria de Almeida; SILVA, Mariana Lima da (orgs.). **Memórias do meu lugar: patrimônio cultural e território em Roraima**. Boa Vista: IPHAN, 2022.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1997.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 1999.

NASCIMENTO, Flávia Brito do; CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Democracia, patrimônio e direitos: a década de 1980 em perspectiva. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 28, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d2e48intro>. Acesso em: 20 jun. 2025

SCIFONI, Simone. Conhecer para preservar: um olhar sobre o patrimônio cultural no Brasil. In: TOLENTINO, Átila (org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012. p. 13-28.

SILVA, Carlos Roberto da. **Nobreza Paulista: Política e Poder na Formação da Elite Agrária (1800–1889)**. São Paulo: Edusp, 2002.

SILVA, Mariana Lima da; MAGALHÃES, Larissa Maria de Almeida Guimarães. Patrimônio, referências culturais e educação patrimonial: breves apontamentos. In: FERREIRA JÚNIOR, Amarildo et al. (orgs.). **Memórias do meu lugar: patrimônio cultural e território em Roraima**. Boa Vista: IPHAN, 2022. p. 16-33.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Tradução de Valdeci Araujo e Pedro S. P. Caldas. **História da Historiografia**, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

VASCONCELLOS, Barão de; VASCONCELLOS, Barão Smith de. **Archivo Nobiliárquico Brasileño**. Lausanne (Suíça): Imprimerie La Concorde, 1918.

Fontes Primárias

ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE CAMPINAS.

Livros de Batismos nº 4 (1819–1830), nº 5 (1830–1839), nº 6 (1839–1850) e nº 7 (1850–1858). Livro de Casamentos nº 4 (1826–1841). Campinas: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Campinas.

CORREIO DE CAMPINAS. Campinas, 1880–1899. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 out. 2025. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.

GAZETA DE CAMPINAS. Campinas, 1860–1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 out. 2025. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.

São Paulo (Estado). Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Inventário de Joaquim Bonifácio do Amaral, Visconde de Indaiatuba. Processo nº 5225, Comarca de Campinas, c. 1884. Fonte: Acervo do Centro de Memória da Unicamp.

Fontes Digitais e de Acesso Público

FAMILYSEARCH. Descendência de Joaquim Bonifácio do Amaral. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/tree/pedigree/portrait/9NVQ-RH9>. Acesso em: 12 out. 2025.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Bonif%C3%A1cio_do_Amaral. Acesso em: 12 out. 2025.